



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

HORTÊNSIA SOUZA CARDOSO

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LIBRAS DOS
ALUNOS SURDOS DO INSTITUTO DESEMBARGADOR SEVERINO
MONTENEGRO (IDSM), EM ALAGOA GRANDE – PB.**

**GUARABIRA
2019**

HORTÊNSIA SOUZA CARDOSO

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LIBRAS DOS
ALUNOS SURDOS DO INSTITUTO DESEMBARGADOR SEVERINO
MONTENEGRO (IDS), EM ALAGOA GRANDE – PB.**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Letramento e ensino.

Orientadora: Prof^a. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C268p Cardoso, Hortensia Souza.

O processo de alfabetização e letramento em libras dos alunos surdos do Instituto Desembargador Severino Montenegro (IDSM), em Alagoa Grande - PB [manuscrito] / Hortensia Souza Cardoso. - 2019.

39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Educação dos surdos. 2. Alfabetização. 3. Letramento.
4. Libras. I. Título

21. ed. CDD 372.6

HORTÊNSIA SOUZA CARDOSO

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LIBRAS DOS ALUNOS
SURDOS DO INSTITUTO DESEMBARGADOR SEVERINO MONTENEGRO (IDSM),
EM ALAGOA GRANDE – PB.

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Letramento e ensino.

Orientador: Prof^º. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo

Aprovada em: 29/05/2019.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Prof. Me. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício
Prof. Me. Débora Regina Fernandes Benício
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, confiança e apoio, aos meus amigos, pelo companheirismo e paciência, e a aos surdos, por todas as batalhas e conquistas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado o dom da vida e a chance de realizar mais um sonho. A Ele toda Honra e Glória.

Aos meus pais, por serem o meu alicerce, a minha base. Por sempre acreditarem em mim e não medirem esforços para a concretização do meu futuro. Por serem o que são, da maneira que são. Amo vocês!

Agradeço as minhas amigas que estão sempre comigo: Jordelle, Thayna, Laysa, Milena, Julia, que me salvam em dias cansativos e de estresses e que me alegravam sempre com os melhores assuntos e encontros. Vocês são demais.

Aos professores do Curso de Especialização da Pós-Fip, que estão contribuindo, por meio das disciplinas e debates para o desenvolvimento desta pesquisa e para mais uma etapa da minha formação profissional, em especial agradeço a Professora Aline, que me incentivou e me apoiou desde o início.

Um obrigada aos meus companheiros do Centro Acadêmico de Letras, o qual tive a honra de ser integrante no ano de 2017, e que por meio dele conheci pessoas excepcionais que ajudaram em minha formação e tenho certeza que serão ótimos profissionais, um abraço grande Jack, Roney, Luan, Cristovão e André.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. Especialmente à Lizandra e Railson, que compartilham comigo vários momentos de aprendizados, sufoco e alegria. Acreditem, minhas noites na UEPB não seriam as mesmas sem vocês.

Agradeço as intérpretes de Libras Edinalva e Geusa, que me deram suporte nesta pesquisa, assim como também agradeço aos alunos surdos voluntários, que com muita alegria responderam meu questionário e tiraram minhas dúvidas. Abraços sinalizados!

Estendo os agradecimentos a todos os professores que passaram por minha vida acadêmica, desde as séries iniciais até a minha pós-graduação. Vocês foram fundamentais.

Em especial agradeço (aqui já citada) a minha orientadora maravilhosa, Aline Araújo, que foi peça chave para a realização deste trabalho. Obrigada por ser essa pessoa tão incrível, amável e atenciosa. Agradeço por cada ajuda, conselho, puxão de orelha, por cada incentivo, por tudo. Tu és indescritível. Que muitos outros alunos tenham a sorte de aprender e conviver contigo. És minha inspiração na área acadêmica e espero poder contar

com você muitas e muitas vezes, muito obrigada de verdade. Sou grata demais por tê-la ao meu lado.

Estendo os agradecimentos as professoras Danielle e Débora, que formaram a minha banca e aos amigos presentes em minha apresentação, que se dispuseram a estar nesse momento importantíssimo da minha vida.

Por fim, agradeço a todas as pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse realizado, meus sinceros agradecimentos.

“Aprende-se LIBRAS para conhecer melhor as pessoas, o mundo, o pensamento, refletindo, construindo e constituindo-se de amor e respeito pelas diferenças. Aprender LIBRAS é respirar a vida por outros ângulos, na voz do silêncio, no turbilhão das águas, no brilho do olhar. Aprender LIBRAS é aprender a falar de longe ou tão de perto que apenas o toque resolve todas as aflições do viver, diante de todos os desafios audíveis. Nem tão poético, nem tão fugaz... Apenas um Ser livre de preconceitos e voluntário da harmonia do bem viver”.

Luiz Alberto B. Falcão.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS.....	15
3 METODOLOGIAS EDUCACIONAIS VOLTADAS À EDUCAÇÃO DOS SURDOS NA ATUALIDADE ...	21
4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	23
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
7 CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO.....	39

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LIBRAS DOS ALUNOS
SURDOS DO INSTITUTO DESEMBARGADOR SEVERINO MONTENEGRO (IDSM),
EM ALAGOA GRANDE – PB.

Hortênsia Souza Cardoso¹

RESUMO

A educação dos surdos está se aprimorando cada vez mais com o passar do tempo e isso inclui todo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos. Partindo dessa informação, o presente trabalho tem o objetivo de compreender como o aluno surdo se desenvolve no meio escolar e pessoal e como se dá o processo de letramento e alfabetização destes alunos. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que permitiu contato direto com os entrevistados em sala de aula, e, também, algumas pesquisas bibliográficas, com base em autores como STROBEL (2008), NANTES (2010), PEREIRA (2009), SOARES (1999), QUADROS (1997), entre outros. Com base nos aportes teóricos supracitados e análise dos dados dessa pesquisa, pôde-se concluir que os alunos surdos tendem a se desenvolverem mais rapidamente quando conhecem a língua de sinais e passam a usá-las em seu dia a dia, desse modo ressaltamos que a inclusão da Libras no método educacional dos alunos surdos deve ocorrer o mais rápido possível, para que seja mais eficaz o desenvolvimento desses alunos.

Palavras-Chave: Educação dos surdos. Alfabetização. Letramento. Libras.

¹Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: hortensia.127@hotmail.com

ABSTRACT

The deaf education is getting better and better over time and this includes the entire teaching and learning process of deaf students. Based on this information, the present work aims to understand how the deaf students develops in their school and personal environment and how the literacy process of these students occurs. For the development of this work, a qualitative research was conducted, which allowed direct contact with the interviewees in the classroom, and also some bibliographical research, based on authors such as STROBEL (2008), NANTES (2010), PEREIRA (2009), SOARES (1999), QUADROS (1997), among others. Thus, it can be concluded that deaf students tend to develop more rapidly when they know the sign language and begin to use it in their daily life, since the inclusion of Libras in the educational method of deaf students should be done as fast as possible, their development would be more effective.

Keywords: Deaf education. Literacy process. Literacy

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é um recurso indispensável para a formação dos alunos surdos e tem uma significativa importância no projeto de inclusão escolar. Strobel (2008, p. 44) afirma que:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

A Libras é a primordial porta de acesso das pessoas surdas para/com o restante do mundo. É através das Libras que o surdo se encontra, se socializa e exerce a sua cidadania.

Segundo Faria e Cavalcante (2011, p. 65), “a Língua brasileira de sinais (Libras) é considerada uma língua natural e pode ser adquirida como língua materna”. Isso se dá uma vez que as crianças surdas têm mais facilidade em aprender e desenvolver as regras distintas e específicas da Língua brasileira de sinais, embora o processo de alfabetização e letramento destes necessite de uma maior atenção.

É muito importante que na escola, o surdo tenha acesso ao aprendizado de sua língua materna, porque no período escolar, ele terá essa língua presente em todas as aulas através do professor bilíngue ou do interprete de Libras. É por meio dessa língua que o surdo terá acesso ao conhecimento e à cultura. É por meio da Libras que o surdo fará a interação em sociedade, constrói sua identidade e exerce sua cidadania. (NANTES, 2010, p. 72)

Na sociedade em que vivemos hoje, tamanhas são as dificuldades sofridas por uma pessoa surda. Sabendo disso, identificar quais os desafios que ela enfrenta e poder transformar esses desafios em soluções para a sua inclusão na sociedade é super importante, principalmente quando os surdos estão iniciando a sua vida escolar. Para os alunos surdos, a Libras surge como o pontapé inicial para o seu desenvolvimento. Partindo dessa realidade, este trabalho busca responder à seguinte pergunta norteadora: Quais as contribuições da Língua de sinais na vida pessoal e acadêmica do aluno surdo e como se deu o primeiro contato com a Libras?

A Libras tem uma importância muito significativa na vida dos surdos, ela serve como ferramenta fundamental na construção de sua identidade perante a sociedade. Surge como uma realização e um diferencial para o surdo, tendo em vista que é através dela que há a possibilidade do surdo entrar em comunicação por meio dos sinais e expressões que a Libras concede. É a partir disto que justifico a realização desse trabalho. A escolha do tema se deu ao

conhecer um aluno surdo e ter inquietações sobre o seu processo de letramento e alfabetização.

O surdo é uma pessoa diferente, porém precisa e merece ter a mesma atenção de uma pessoa ouvinte, em relação à educação, principalmente no que tange o processo de aquisição da linguagem. Segundo Piaget (apud BARBOSA 2011, p. 30), “a atividade cognitiva do surdo é igual a do ouvinte, atribuindo as diferenças encontradas às diferentes experiências vivenciadas, principalmente no que se refere às experiências comunicativas”.

Em meio a realidade, busco como objetivo geral: Analisar o processo de alfabetização e letramento de alunos surdos e observar quais são as interferências encontradas para o seu crescimento no âmbito escolar. E para alcançar os resultados necessários, tracei como objetivos específicos:

- Comprovar, através de subsídios teóricos, os benefícios da Libras;
- Apresentar a história da educação do surdo;
- Identificar como se deu o processo de letramento e alfabetização dos alunos surdos do IDSM
- Constatar o desenvolvimento do aluno surdo partindo das práticas de letramento e alfabetização;

A metodologia utilizada se deu através da junção de abordagens qualitativas e bibliográficas, uma vez que realizamos uma pesquisa de campo no Instituto Desembargador Severino Montenegro, em Alagoa Grande – Pb, onde o público alvo envolve três alunos surdos do terceiro e do oitavo ano, que frequentam a sala de aula inclusiva.

O processo de alfabetização em Libras do aluno surdo é bem parecido com o do aluno ouvinte, embora seja bastante objetivo, pois cada aluno necessita de uma atenção especial, e nesse processo a interferência dos pais também é fundamental, tendo em vista que a memorização é a chave para esse procedimento, já o processo de letramento se dá através do uso frequente da leitura, da escrita e de diversas significações.

Segundo Soares (1999, p.86,) “letramento pode ser, estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais da leitura e escrita, que circulam na sociedade em que vivem, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”. Para o aluno surdo esse processo de letramento não é diferente, é a partir do domínio da Libras, que é a sua língua materna, que ele passa a compreender a língua portuguesa em seus variados

aspectos na modalidade escrita. O surdo letrado na língua de sinais é capaz de interpretar o mundo como um local social onde a partir disto interage com seu meio de forma natural.

Em relação ao processo de alfabetização, Pereira (2009, p.9) ressalta:

O processo de Alfabetização do aluno surdo é muito objetivo, pois os métodos irão variar de acordo com cada necessidade do aluno. O método para se alfabetizar em Libras é a memorização. A alfabetização através da memorização ocorre porque a professora capacitada mostra a figura e mostra o sinal, dessa forma o aluno irá aprendendo através da memorização todos os sinais.

O processo de alfabetização do aluno surdo, como já foi dito, se dá através da memorização e deve ser iniciado o quanto antes. O aluno surdo deve ser estimulado a aprender a Libras desde pequeno, ou seja, no mesmo período de aquisição da linguagem da criança ouvinte, de maneira que os próprios familiares deem o suporte necessário para esse aprendizado. Assim, o processo de alfabetização do aluno surdo se torna igualitário e eficaz de acordo com as necessidades de cada aluno.

Já o letramento, de acordo com Nantes (2010, p. 76), “é um conjunto de habilidades usado para codificar e decodificar, escrever e ler com proficiência/competência”. Por isso, é a boa leitura que vai permitir aos alunos um conhecimento mais amplo e uma visão diferenciada do meio social, objetivando o sucesso escolar do aluno.

A seguir, apresentamos a estrutura do trabalho. De início, trago-lhes a **Fundamentação teórica**, que através de estudos e pesquisas bibliográficas exaltar a pessoa surda e sua educação, divido a minha pesquisa em capítulos, sendo eles: O histórico da educação dos surdos; Metodologias educacionais voltadas à educação dos surdos; e, Alfabetização e letramento da pessoa surda. Em seguida, apresento à **Metodologia**, que remete a elaboração da pesquisa, o tipo, o material utilizado e a escolha do tema, junto à descrição da abordagem qualitativa e bibliográfica, o contexto que foi elaborado o trabalho e os colaboradores. Por fim, apresento as **Considerações finais** sobre a temática investigada.

2 O HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

A história da educação dos surdos não é uma coisa difícil de ser estudada, tudo vai depender do contexto e do olhar que se dá, embora seja um assunto inquietante, que revela muitos conflitos. Sendo assim, nesse primeiro capítulo, veremos ver como os povos surdos se organizaram e viveram no passado e entender como se deu o processo de educação destes.

A princípio, grande parte dos documentos que tratam da educação dos surdos foi escrito por pessoas ouvintes, isso quer dizer que os surdos não tinham a liberdade de expor seus pensamentos e nem eram vistos como membros da sociedade.

Na Antiguidade, os surdos eram considerados incapazes para desenvolverem qualquer tipo de atividade, eram proibidos de usar gestos naturais para se comunicarem e quando usavam tinham suas mãos amarradas e recebiam castigos, pois eram considerados débeis mentais, loucos, selvagens, seres sem alma, comparados até aos animais. Não tinham garantidos seus direitos legais, e, por não saberem ler e escrever, não podiam receber heranças. Há relatos históricos de que a igreja católica proibia os surdos de participarem de missas e batizados (PEREIRA, 2008, p. 33).

A vida das pessoas surdas era muito árdua, com um trajeto cheio de imposições. Os surdos eram banidos de muitas coisas, inclusive de se confessar, pois não eram vistos como pessoas de fé, sendo assim, lutavam constantemente para terem seus direitos de cidadãos e poderem usar a língua que lhes fosse conveniente.

A educação dos surdos começou a prosperar a partir de um trabalho feito pelo monge Benedito Pedro Ponce de León, nos meados do século XVI, onde fundou a primeira escola para surdos, na Espanha. Segundo Moura (2000, p. 18):

Seus alunos eram surdos filhos de nobres que, preocupados com a exclusão de seus filhos diante da sociedade e da lei, procuravam León para auxiliá-los. O monge dedicou-se a ensinar os surdos a ler, escrever, falar e aprender as doutrinas da fé católica.

O trabalho do monge focava na linguagem escrita, pois para ele a fala era vista como um instrumento que a traduzia e a completava. Na Idade Média, havia muitos surdos, sendo assim, depois que os primeiros começaram a serem educados, as demais famílias ricas que tinham filhos surdos sentiram a necessidade de educar seus filhos também e começaram a pagar aulas particulares. Embora, conforme Pereira (2008, p. 4), “o interesse no surdo não era social, mas sim político-econômico, pois ninguém estava preocupado em integrar o surdo à sociedade, o importante era ler e escrever para assinar a herança”.

O fato do surdo não ser alfabetizado implicava no seu direito de receber a fortuna da família, por isso começou a ser dada a atenção necessária a sua educação. Com o tempo, os professores da época começaram a perceber que os surdos eram capazes de se comunicar através da fala e dos sinais. Dois educadores, L'Épée e Gallaudet, mostraram-se defensores persistente dos sinais durante parte do século XIX. L'Épée, por sua vez, aprendeu os sinais e iniciou a educação de surdos na França, ensinando além da religião, conhecimentos a nível escolar.

Segundo Sacks (1998 p. 30):

Associando sinais a figuras e palavras escritas, o abade ensinou-os a ler; e com isso, de um golpe, deu-lhes o acesso aos conhecimentos e à cultura do mundo. [...] O sistema metódico de L'Épée – uma combinação da língua de sinais nativa com gramática francesa traduzida em sinais – permitia aos alunos surdos escrever o que era dito por meio de um intérprete que se comunicava por sinais, um método tão bem sucedido que, pela primeira vez, permitiu que alunos surdos comuns lessem e escrevessem em francês e, assim, adquirissem educação.

L'Épée foi fundamental para o processo de educação dos surdos, seu método, apesar de ter recebido muitas críticas de pesquisadores oralistas, teve resultado muito positivo para os alunos surdos, que conseguiram ler e escrever através da junção da língua de sinais e da gramática francesa. L'Épée conheceu duas irmãs surdas que se comunicavam por meio de sinais e, desde então, passou a se dedicar ao desenvolvimento de uma pedagogia de ensino da linguagem (gestual e escrita), por meio de sinais.

A partir da iniciação de L'Épée, os sinais começaram a receber uma grande importância e em 1760 foi criado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, no qual eram utilizados sinais metódicos (francês sinalizado). Daí então os surdos começaram a sonhar com uma “nova vida”, tendo identidade e cultura própria, acreditando mais em si mesmo e reconhecendo e superando seus limites.

O primeiro dicionário de sinais foi criado pelo sucessor de L'Épée, o abade Sicard, que valorizou muito a formação de professores surdos.

Sicard seguiu os passos de L'Épée no Instituto de Surdos-Mudos em Paris, atuou de 1800 a 1820, reformulou alguns aspectos do ensino e priorizou a participação dos surdos na criação da língua de sinais. Um dos fatores fundamentais para o estabelecimento do sistema de sinais como língua foi o convívio de um grande número de surdos no Instituto de Surdos-Mudos de Paris, pois ali residiam no intuito de ampliar a convivência e o aprendizado. (REILY, 2004, p. 17)

Sicard seguiu brilhantemente os passos de L'Épée. Ele fez a escola crescer e isto despertou a inveja, se assim pode-se dizer, dos defensores do Oralismo, método de ensino que proibia o surdo de fazer o uso dos sinais e que enxergava que a maneira mais eficaz de ensinar

ao aluno surdo era através da língua oral. Mesmo com o processo de educação dos surdos crescendo, eles continuavam não sendo tão aceitos, pois a sociedade, mesmo vendo a capacidade dos surdos, demorou a aceitar a utilização da língua de sinais e também não aceitava que os surdos possuíssem sua própria língua e cultura.

No Brasil, a educação dos surdos teve início no Segundo Império, quando D. Pedro II conseguiu recursos para a primeira escola para surdos no país, o Instituto de Surdos-Mudos, hoje atual Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, fundado em 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo francês Ernest Huet. A princípio, os surdos eram educados por linguagem escrita articulada e falada, datilologia e sinais.

O INES foi fundado há 152 anos e a presença de narrativas ligadas à memória faz parte da cultura institucional. A marca de sua longa história é muito forte na instituição, embora, contraditoriamente, a atenção com a memória oral seja mais relevante do que com a memória escrita. (ROCHA, 2010, p.33)

Hoje, há um avanço em relação a educação dos surdos, principalmente no que se refere a inclusão, porém no tempo de criação do INES não haviam professores especialistas e as tarefas eram feitas por ouvintes. O Instituto era a única escola voltada para a área, então, os médicos e estudiosos acreditavam que lá era o único local que os surdos deveriam ser encaminhados. Por isso, até hoje o INES é considerado referência nacional da educação dos surdos.

Em 1880, teve na Itália, a II Convenção Internacional de Milão onde estiveram presentes educadores e pesquisadores que determinaram apenas a utilização dos métodos orais para a educação dos surdos, acabando com as características dos surdos. Segundo Pereira (2008, p. 24):

Nesse Congresso, pessoas importantes da sociedade da época discutiram três propostas: o Oralismo, o sinal ou um método misto, por considerarem as questões de saúde, cura, características pedagógicas, desenvolvimento emocional e cognitivo.

As propostas discutidas nesse Congresso trouxeram como resultado a proibição de qualquer meio de comunicação com o surdo que não fosse o meio oral. Tais pesquisadores e professores presentes foram responsáveis por esse marco-histórico na vida dos surdos, os quais tiveram suas características mais uma vez ocultadas. “A decisão do Congresso de Milão é apenas um fragmento da história, mas marcou centenas de milhares de vidas de surdos por todo o mundo, deixando rastros de vergonha, lamentação, vingança, recalque e ódio” (GESSER, 2012, p. 86).

O uso dos sinais foi banido através de uma votação e isso marcou o Congresso de Milão como um momento obscuro da história dos surdos, onde a língua de sinais foi trocada pelo Oralismo.

A educação dos surdos se fundamentou em três tipos de abordagens: a oralista, a comunicação total e o bilinguismo. Todas essas propostas tinham o objetivo de inserir os surdos na comunidade escolar, sendo na classe comum ou na sala especial.

A primeira abordagem é a Oralista, que entre os surdos não teve grande sucesso, pois não obteve nenhum benefício profundo, já que nem todos os surdos foram bem-sucedidos com a leitura labial e muitos emitiam sons incompreensíveis aos ouvintes. O Oralismo partia do pressuposto que todos os surdos deveriam aprender a falar a língua oral, o mais precoce possível, ou seja, quando crianças. De acordo com Quadros (1997, p. 23), “o Oralismo fez com que os surdos além de desconsiderar a sua língua, eles simplesmente desconsideravam questões relacionadas à cultura e identidade surda”. Os surdos, nesse caso, tinham como instrumento linguístico a voz e leitura labial.

“O Oralismo não conseguia atingir resultados satisfatórios, porque, normalizaram as diferenças, não aceitando a língua de sinais dessas pessoas e centrando os processos educacionais na visão da reabilitação e naturalização biológica” (REILY, 2004, p.7), ou seja, os surdos sem direito de defesa, aceitavam aquela condição repressora, humilhante, sem respeito ao direito humano de usar a sua própria língua. A proibição do uso da língua de sinais trouxe resultados negativos para a comunidade dos surdos, pois, como já foi dito, muitos surdos com dificuldades na oralidade deixaram de adquirir conhecimentos, de se comunicar em sala de aula e de expor sua opinião.

Com o fracasso do Oralismo, veio à tona a segunda abordagem chamada de Comunicação Total, que surgiu por volta do ano de 1969, no qual aceitava qualquer forma de comunicação para/com os surdos. Essa proposta dava ao surdo tamanha importância, reconhecendo-o nas diferenças linguísticas e culturais.

Os resultados obtidos com essa proposta são questionáveis em relação aos surdos em desafios no meio social. O ensino por meio da Comunicação Total parecia não facilitar um desenvolvimento satisfatório e os surdos continuavam separados nos guetos, no caso, excluídos do âmbito social. Essa concepção, não valorizou a língua de sinais, portanto, pode-se dizer que a comunicação total é uma outra feição do oralismo (REILY, 2004, p. 7).

A comunicação Total aceitava o uso de qualquer meio de comunicação com o aluno surdo, embora o seu objetivo fosse ensinar o surdo a falar, o que tornava bastante parecido com o do Oralismo, sendo assim, continuava a ver a pessoa surda como um deficiente que só se desenvolveria se aprendesse a língua oral. Desse modo, essa abordagem também não teve sucesso, o que abriu espaço para uma nova filosofia, a qual veio defender a proposta da língua de sinais para a educação dos surdos, como L1 e o português escrito como segunda língua, essa abordagem foi chamada de Bilinguismo.

O Bilinguismo surgiu na década de 80 e tinha como pressuposto que todas as crianças surdas fossem educadas a terem duas línguas: a língua de sinais e a língua oral de seu país na modalidade escrita. No Brasil, a língua de sinais é denominada Libras (Língua brasileira de sinais) e de acordo com Diniz (2012, p. 65) “a comunidade surda tem defendido a perspectiva da Libras como primeira língua para escolarização das pessoas surdas”.

Essa proposta bilíngue surge para enfatizar o uso e a importância da Língua de sinais na educação dos surdos, pois é através da Libras que o surdo passa a ter um desenvolvimento significativo em seu processo de aprendizado, e esse aprendizado passa a ser mais eficaz quando trabalhado em conjunto com a língua portuguesa.

A Educação Bilíngue Libras - Português é entendida, como a escolarização que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surda.[...] O objetivo é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português (BRASIL, 2014a, p. 6).

O Bilinguismo valoriza a língua de sinais, não menosprezando a língua portuguesa, concebendo a Libras como a única língua que a pessoa surda pode adquirir espontaneamente por meio do diálogo contextualizado. Nessa abordagem a Libras é tida como a primeira língua que o surdo deve aprender (L1) e a Língua Portuguesa como a segunda (L2). Embora, seja necessário ficar atento e entender que a pessoa surda está inserida em duas culturas: a cultura da comunidade surda, que deve ser respeitada, e a cultura da comunidade ouvinte.

Uma proposta educacional, além de ser bilíngue, deve ser bicultural para permitir o acesso rápido e natural da criança surda à comunidade ouvinte e para fazer com que ele se reconheça como parte de uma comunidade surda (QUADROS, 1997, p. 28).

A união dessas culturas é muito importante para o desenvolvimento da pessoa surda, pois além de preservar os seus costumes, o integra de forma mais precisa na sociedade, por isso, nessa proposta de bilinguismo, há tanto profissionais surdos quanto ouvintes. E vale salientar que o surdo tem o direito de escolher em qual língua vai se comunicar, seja no âmbito social ou escolar.

No contexto brasileiro a Libras foi oficializada como veículo de expressão e comunicação por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 é considerado um marco na educação de surdos, pois regulamentou a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de instrução e prevê adaptações na escola e no currículo, as quais impulsionaram um projeto educacional para surdos.

É notório que a educação dos surdos teve uma enorme evolução. O reconhecimento da Libras perante a lei foi fundamental para esse desenvolvimento, tão quanto as abordagens que foram ditas no decorrer do capítulo. Todas essas propostas e evoluções na educação dos surdos contribuíram para a construção de identidade dos mesmos e se tornaram muito importante nos dias atuais.

3 METODOLOGIAS EDUCACIONAIS VOLTADAS À EDUCAÇÃO DOS SURDOS NA ATUALIDADE

A cada dia que passa a comunidade surda está ganhando mais destaque e reconhecimento. Várias legislações são aprovadas com o intuito de empreender esforços para garantir a inclusão dos surdos na sociedade. Contudo, existem muitas dúvidas em relação às técnicas e estratégias metodológicas para se trabalhar com eles.

Em salas regulares de ensino, a inclusão dos alunos surdos tem sido um problema no processo de ensino-aprendizagem, pois grande parte dos profissionais das escolas não conhecem as técnicas metodológicas eficazes para a educação destes alunos. Devido a isso, o número de surdos que não se desenvolvem nas escolas tem aumentado, chegando até a serem reprovados.

No capítulo anterior, relatamos três tipos de abordagens (Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo) que foram essenciais na história da educação dos surdos, essas abordagens também são vistas como metodologias educacionais para o ensino dos próprios. Então, a partir de agora, apresentaremos algumas outras metodologias que também são eficazes nesse processo de ensino-aprendizagem.

Uma metodologia que tem sido bastante utilizada na educação dos surdos é a Pedagogia Surda, que atende o aluno surdo em todas as suas especificidades. A Pedagogia Surda envolve a presença de um professor surdo em sala, seja ela regular ou especial, em tempo integral, dando a este professor a tarefa de ensinar ao próprio aluno. Essa prática defende que a criança surda tenha o contato com a Libras desde a educação infantil. Perlin e Strobel (2008, p. 41-42) afirmam que:

A construção da subjetividade cultural é o objetivo mais presente nesta metodologia. Trata-se mais de uma concepção sociológica do surdo como pertencente a um grupo cultural. Prima pela sua diferença como construção sociológica na defesa de uma liberdade social onde o sujeito surdo está presente e se torna capaz de desvencilhar-se das diversas pressões sociais durante a interação cultural, como no caso, no qual a sociedade lhe impõe o papel de deficiente.

Essa metodologia é a mais querida pelos alunos surdos, tendo em vista que gira em torno da sua subjetividade, da construção de sua identidade e da valorização da sua cultura. Visa trabalhar um novo caminho para a educação do surdo, ignorando os conceitos que a sociedade costuma impor, onde vê o surdo como um ser diferente e/ou deficiente.

O bilinguismo e a Pedagogia surda são metodologias que respeitam a singularidade e a subjetividade do aluno surdo, proporcionando um processo de educação eficaz. O Bilinguismo, como já foi dito, consiste em trabalhar duas línguas: a Libras e a língua portuguesa. Capovilla e Raphael (2008, p. 1540) destacam:

A filosofia educacional do Bilinguismo defende a tese de que a criança seja mergulhada desde tenra idade na Língua de Sinais para que possa atingir suficiente desenvolvimento linguístico e cognitivo. É este desenvolvimento que lhe possibilitará, mais tarde, a fazer uso da Língua de Sinais com metalinguagem para a aquisição das habilidades de leitura e escrita.

Quanto mais cedo o aluno surdo se depara com a língua de sinais, mais positivos serão os seus resultados perante a língua portuguesa, pois é justamente isso que a educação bilíngue permite: o ensino dessas duas línguas, uma beneficiando a utilização da outra.

Na pedagogia surda, como já foi relatado, o professor surdo atua dentro da sala de aula com tamanha importância, pois o aluno foca em seus sinais e consegue ter um maior aprendizado, já que na situação os interesses do aluno e do professor são os mesmos.

Por isso é tão importante esse contato direto do aluno surdo com o professor surdo, para que haja identificação de suas culturas e valorização da própria Pedagogia surda, entretanto sabemos que este é um processo difícil de ser realizado, pois não há o número de professores surdos suficientes para educar os alunos que necessitam. A Pedagogia surda valoriza no surdo não o que lhe falta, mas sim a cultura visual que lhe remete, é nessa metodologia que ele é valorizado e reconhecido como um ser completo.

Conclui-se então que todas as metodologias usadas para a aprendizagem do surdo são coerentes, embora cada uma das relacionadas no decorrer desse trabalho, tenha mostrado sua eficácia em determinado período quando começou a ser trabalhada. Por fim, a educação bilíngue, atualmente, tem sido a mais usada e comum nas escolas e entre os profissionais, já que, como relatado, trabalha a língua materna do surdo e a língua portuguesa na modalidade escrita, aperfeiçoando para a realidade social.

4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A educação dos surdos, ultimamente, tem sido um assunto bastante discutido, principalmente no eixo em que diz respeito à educação bilíngue e inclusiva e também a formação do surdo. Devido a isso, alfabetizar e letrar o aluno surdo tornou-se umas das tarefas mais complexas no meio educacional e esses processos devem caminhar juntos, de maneira simultânea, para que possa haver um melhor desenvolvimento do aluno surdo, em relação a uma boa leitura e escrita.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever. Já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2002, p. 40)

Mesmo sabendo que o processo de alfabetização e letramento precisa caminhar junto, isso não quer dizer que uma pessoa surda que seja alfabetizada, seja também letrada. O processo de letramento vai muito além de saber ler e escrever engloba principalmente, atividades referentes ao meio social que necessitam de um conhecimento amplo das práticas de leitura e escrita.

Conforme o código linguístico, o processo de alfabetização basicamente é, de forma resumida, o ato de ensinar a ler e escrever. Contudo vários estudiosos têm visões mais extensas desse processo. Soares (1989, p. 16) por exemplo, relata que “a alfabetização é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita” e Oliveira (2008, p. 34) nos fala que “alfabetização é a capacidade de codificação e decodificação, que significa relacionar som com letras e saber o que está escrito”.

A alfabetização do aluno surdo é bem parecida com o processo de alfabetização dos alunos ouvintes, pois se dá através da memorização, e do visual ou seja, o professor mostra a imagem, mostra o sinal e mostra o nome e o aluno aprende a partir dessa dinâmica.

Um dos processos mais importantes na alfabetização de alunos surdos é o percurso semiótico, que é o estudo de signos ou significações, já que entendemos que a Língua Brasileira de Sinais são signos com significados e estes fazem com que pessoas surdas possam se comunicar e viver em sociedade (PEREIRA, 2009, p. 7).

A Libras é a porta de acesso principal nesse processo de alfabetização, principalmente na relação com a sociedade. É a partir da Libras que o surdo vai se adaptar ao meio que vive e

conviver normalmente com as pessoas ouvintes, mantendo sempre a relação com a língua portuguesa.

A alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática, em suas variações. Esse processo não se resume apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento. (NANTES, 2010, p.74)

A alfabetização é o processo pelo qual o aluno surdo adquire habilidades de leitura, escrita e, até mesmo, de interpretação do texto. Consiste no processo de ensino-aprendizagem do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. Contudo, é quase impossível tratar do processo de alfabetização, sem falar do processo de letramento, já que temos a alfabetização como uma atividade mecânica que não enfatizam os usos linguísticos que fazemos em sociedade nos eventos de letramento. Soligo (2001, p.87) relata que “as situações de uso da leitura e da escrita e o valor que se dá a elas, formam um ambiente alfabetizador, um contexto de letramento e um espaço de reflexão sobre a escrita”. É justamente assim que acontece, um processo envolvendo o outro, de maneira que o indivíduo seja constituído pela interação entre o meio escolar e o social.

A leitura transfere aos indivíduos uma visão de mundo diferenciada, que os permite ter argumentos concretos e distintos das diversas visões de mundo. Segundo Paulo Freire (2000, p.5), “Leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, nos leva para dentro do mundo; que nos interessa a viver”. Isso quer dizer que a leitura deve sempre trazer um significado e que seja uma prática transformadora, que traga sempre um resultado positivo. E é por isso que é tão importante e necessário trabalhar o elo da escrita e da leitura. Soares (1998, p.72) nos confirma isso quando diz: “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. É preciso trabalhar em conjunto para se ter melhores resultados, afinal:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 1998, p.39).

O processo de letramento em Libras dos alunos surdos se dá através das experiências vividas e da memorização. Essa prática promove o desenvolvimento dos processos mentais e dos conflitos do dia a dia. Temos que enxergar o letramento como o estado daquele que não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso competente da leitura e da escrita, e que, ao

tornar-se letrado muda seu local social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura (SOARES, 2004). Letramento nas crianças surdas enquanto processo faz sentido se significado por meio da língua de sinais brasileira, a língua usada na escola para aquisição das línguas, para aprender por meio dessa língua e para aprender sobre as línguas.

Para que o aluno surdo seja alfabetizado e letrado em língua portuguesa ele precisa ser conhecedor da Libras, pois é essa língua que vai fazê-lo se comunicar com várias pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes. O aluno surdo deve ser matriculado em uma escola onde aprenderá por meio do Bilinguismo, pois essa metodologia influenciará em seu desenvolvimento linguístico e cognitivo para que seja parecido ao de crianças ouvintes.

Numa educação bilíngue, [...] a Língua Portuguesa é considerada a segunda língua dos alunos surdos, o que significa que seu aprendizado vai se basear nas habilidades linguísticas adquiridas na Língua Brasileira de Sinais (PEREIRA, 2008, pg.22).

O bilinguismo, por ser um método reconhecido e aceito socialmente, é visto com um movimento que dá oportunidades ao aluno surdo. As escolas bilíngues oferecem interprete de língua de sinais, educadores surdos e professores ouvintes que sejam usuários da Libras e que tenham o domínio da língua portuguesa.

O letramento do aluno é preciso que ele em primeiro lugar tenha consciência ou noção da diferença entre significação e tema, os alunos devem entender que as palavras têm significados, mas que ganham sentido quando ganham sentido na experiência individual (PEREIRA, 2009, p. 28).

De forma sucinta, podemos dizer que o aluno surdo é alfabetizado com a teoria e letrado a partir de suas experiências vividas. É fundamental que a alfabetização e o letramento do surdo sejam feitos em Libras, para que o aluno consiga adquirir habilidades na escrita do Português e vá além de sua mera decodificação.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho seguiu os princípios da pesquisa qualitativa, que teve como base investigar como acontece o processo de alfabetização e letramento de alunos surdos do Instituto Desembargador Severino Montenegro (IDSM), em Alagoa Grande. Este tipo de pesquisa permitiu um melhor contato com os entrevistados tendo em vista a liberdade das respostas e uma maior aproximação da realidade em que convivem.

Segundo Neves (1996, p. 1), “a pesquisa qualitativa é um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Esse tipo de pesquisa permite aos entrevistados respostas livres para assim exporem seus pontos de vista sobre o assunto e, oferece resultados mais precisos ao pesquisador, já que não se baseia apenas em números. O objetivo maior é colher dados para a compreensão de atitudes, comportamentos e desenvolvimento dos entrevistados.

Baseou-se também em pesquisas bibliográficas, com objetivo de reunir informações iniciais e precisas para a construção do trabalho. Embora sejam tipos de pesquisas diferentes, trabalhar essa junção de pesquisas está sendo cada vez mais eficaz. De acordo com Demo (1995, p. 231):

Embora metodologias alternativas facilmente se unilateralizem na qualidade política, destruindo-a em consequência, é importante lembrar que uma não é maior, nem melhor que a outra. Ambas são da mesma importância metodológica.

Trabalhar com estilos de pesquisas diferentes nos dá uma visão mais ampla dos resultados. Essa união abrange todo o território de pesquisa, dando a oportunidade de ter várias visões sobre o conteúdo mantendo o mesmo grau de importância nos resultados.

Demo (1996, p.34) ainda afirma que a pesquisa é um “questionamento sistemático, crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

A pesquisa é um conjunto de atividades que ajudam a identificar as respostas necessárias para a conclusão do trabalho. É a união da realidade com o pensamento. Uma maneira de explorar experiências e particularidades do entrevistado, levando em consideração alguns conceitos teóricos abordados.

Essa pesquisa teve como sujeitos colaboradores três alunos surdos que frequentam a escola, sendo dois alunos do oitavo ano e um aluno do terceiro ano do ensino médio, do turno da noite.

A coleta de dados se deu a partir de um questionário respondido por esses alunos na própria escola, com o auxílio da intérprete em sala de aula. Conforme Marconi e Lakatos (1999, p. 100), “o questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado e que tem objetivo de coletar dados de um grupo respondente”. Desse modo, a escolha do questionário para a coleta de dados se deu por ser um método confiável capaz de trazer resultados verídicos e precisos para a pesquisa.

A pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico do assunto abordado e serve para definir os objetivos da pesquisa. Segundo Ruiz (1976, p. 50), “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”. Sendo assim, para um bom resultado na pesquisa de campo, é necessário ouvir, pesquisar e observar bem, para que os resultados sejam satisfatórios e conclusivos.

Sendo assim, através das respostas dos alunos concluiremos a pesquisa e, por fim, entender a importância do processo de alfabetização e letramento do aluno surdo e investigar seu desenvolvimento educacional perante as dificuldades encontradas em seu percurso escolar.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo iremos abordar o questionário aplicado aos alunos surdos do IDSM, de Alagoa Grande, analisando as respostas para obtermos os resultados necessários para a conclusão desta pesquisa.

A princípio, esse questionário vai nos aproximar da realidade do aluno surdo, fazendo com que sejamos conhecedores das dificuldades e da importância da Libras na vida destes alunos. Em seguida, conhecer como se deu esse aprendizado e identificar os benefícios trazidos pela Língua de sinais.

O questionário foi aplicado a três alunos surdos, de séries distintas. O entrevistado 1 estuda o 3º ano, à noite e os entrevistados 2 e 3, estudam o 8º ano. Por motivos de ética profissional, não iremos apresentar o nome dos entrevistados, sendo assim serão identificados por entrevistado 1, entrevistado 2 e entrevistado 3.

Quadro 1: Idade com a qual cada entrevistado começou a aprender Libras
Pergunta: Com quantos anos aprendeu Libras?
Entrevistado 1: 5 anos
Entrevistado 2: 5 anos
Entrevistado 3: 10 anos

Neste primeiro quadro de perguntas, percebemos que o Entrevistado 3 aprendeu a língua de sinais tardiamente, pois já havia passado do período da aquisição da linguagem, tendo em vista que o aluno surdo passa pelo mesmo período de aquisição que o ouvinte. As autoras Bellugi e Petitto (1998) nos confirmam isso quando trazem como resultados de suas pesquisas que a aquisição da língua de sinais por crianças surdas é um processo que ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes.

As crianças surdas serão alfabetizadas no mesmo período em que as crianças ouvintes, passando pelas mesmas fases de desenvolvimento pessoal e escolar. Para Grolla (2009, p. 3):

As crianças adquirem uma língua quando ainda são muito novinhas, numa fase em que elas mal conseguem amarrar os sapatos ou desenhar em círculos. Ou seja, o processo de aquisição de linguagem, além de ser universal, é também rápido, uma vez que, por volta dos 4 anos de idade, quase toda a complexidade de uma língua é aprendida.

Isso quer dizer que crianças surdas devem ser inseridas nas escolas o mais rápido possível, ou tenham acesso a língua por meio de um adulto fluente em Libras, para que possam ter o desempenho eficaz no seu processo de aprendizado. Vigotsky e Luria (apud NEVES e MIRANDA, 2014, p. 14) afirmam que:

Da mesma forma que as crianças ouvintes conforme crescem aprendem a falar corretamente, construir frases corretamente, as crianças surdas aprendem gradativamente as sinalizações corretas, as configurações das mãos correta, as quais aumentam sua complexidade, além disso, simultaneamente fazem expressões faciais para indicar a intenção ou emoção [...]. A linguagem auxilia no processo de desenvolvimento do pensamento.

As crianças surdas vão aprender os sinais na mesma proporção em que as crianças ouvintes começam a falar, isto é, ambas passarão, no mesmo período, pelas fases de desenvolvimento da linguagem. Conforme podemos observar nos estudos de Ahlgren (1994), os entrevistados 1 e 2 tiveram acesso a Libras em período hábil (a partir dos 4 anos de idade), onde começam a serem alfabetizados e conseguem que a eficiência da Libras na vida deles seja mais concreta. Quadros (1995, p.143) também nos afirma que “por volta dos 5 anos a seis anos e meio, as crianças adquirindo a Libras usam a concordância verbal de forma consistente”, isto quer dizer, que nessa fase as crianças passam a ser mais claras e desenvolvidas com o uso da Libras.

Quadro 2: Como e onde se deu o ensino e aprendizado da Libras	
Pergunta:	Como e onde se deu o ensino e aprendizado da Libras?
Entrevistado 1:	Aprendi na FUNAD, com ajuda do interprete. Mas também escrevia no quadro e criava sinais para as coisas sozinhos.
Entrevistado 2:	Na FUNAD, minha mãe levou quando percebeu que eu não falava.
Entrevistado 3:	Aprendi na escola com a professora. Não achei fácil.

Analisando esse segundo quadro, podemos observar que os alunos surdos não são de famílias surdas, e o contato com a Libras veio por meio de instituições educacionais voltadas para a área de pessoas com deficiências. Os entrevistados 1 e 2, aprenderam por meio da FUNAD², já o entrevistado 3, aprendeu Libras na própria escola com a ajuda da professora. O entrevistado 1, buscava aprofundar seus conhecimentos, em vídeos na internet e desenhando em quadros, onde o próprio dava significado aos desenhos.

Nas famílias onde os pais são ouvintes e os filhos são surdos, é muito comum o uso de desenhos e gestos caseiros criados para que haja comunicação entres os seres, formando assim uma linguagem informal de fácil entendimento. Santana (2008) em seus estudos afirma que a criança surda faz uso de gestos icônicos e indicativos para se comunicar com pessoas ouvintes, como uma forma de se esquivar do isolamento social e da ausência de uma língua.

Fazer gestos para se comunicar com outras pessoas é algo bem comum, porém para crianças surdas que ainda não aprenderam a Língua de sinais, essa é uma chave de acesso importantíssima, contudo essa comunicação com o meio melhora a partir do aprendizado da Libras.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 44).

É através da Língua de sinais que o surdo encontra seu lugar e se adapta ao espaço em que convive. Com isso, podemos compreender que o aprendizado da Libras contribuiu bastante para os entrevistados responderem a esta pesquisa e que esse acesso a Língua de sinais permite que eles sejam adaptados na sociedade e possam manter diálogos normalmente com outros surdos e até ouvintes.

Quadro 3: Dificuldade(s) para aprender Libras	
Pergunta:	Você sentiu alguma dificuldade em aprender a Língua de sinais? Quais?
Entrevistado 1:	No começo foi difícil, mas com a prática fui memorizando. Era difícil aprender sinais pra tudo.
Entrevistado 2:	Não. Foi fácil, não tive dificuldades.

² A FUNAD, Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência, criada pela Lei Estadual Nº5.208, de 20/12/1989, é uma instituição da esfera governamental, localizada na cidade de João Pessoa/Pb. Considerada no Estado de referência no atendimento à pessoa portadora de deficiência mental, física, sensorial ou múltipla.

Entrevistado 3:

Senti muita dificuldade porque tinha vergonha de aprender e fazer os sinais.

No que diz respeito sobre as dificuldades em aprender Libras, os entrevistados 1 e 3 compartilharam da mesma resposta, já o entrevistado 2 não teve nenhuma dificuldade em aprender a Língua de sinais.

Quando o aluno surdo tem acesso primeiramente a Libras, seu processo de alfabetização e letramento é mais fácil e eficaz, pois ele valoriza tanto sua língua materna quanto sua identidade surda.

Segundo Loureiro:

A educação deve garantir, portanto, que toda informação sobre o mundo chegue a criança surda na Língua de Sinais. É preciso que ela desenvolva linguagem, isto é, capacidade de verbalização, pois esta constitui-se como aspecto chave para seu desenvolvimento cognitivo (2006, p 17).

O acesso a Libras, quando exercido na fase e período correto de aquisição da linguagem, permite que o aluno surdo não sofra tanto com o aprendizado da língua e possa usufruir por completo de momentos no âmbito escolar e social.

Quadro 4: Benefícios obtidos com a aprendizagem da Libras
Pergunta: Cite os benefícios que você obteve a aprender Libras.
Entrevistado 1: Assim que aprendi Libras a comunicação com as pessoas melhorou. Esse foi o benefício.
Entrevistado 2: A Libras fez com que eu me comunicasse com muitos surdos que tinha na FUNAD. Me ajudou a comunicar com as pessoas.
Entrevistado 3: Aprendi a me comunicar com as pessoas de casa. Ninguém sabia Libras, era muito difícil.

A Libras é muito importante na vida dos surdos, é por meio dessa língua que o surdo mantém relação com a sua família e com a sociedade. Strobel (2008, p. 52) afirma:

Nas famílias surdas, os membros surdos têm comportamentos próprios deles, por exemplo, é habitual assistirem televisão no volume mudo para não incomodar os vizinhos, todos usam língua de sinais como a língua prioritária do lar, lavam louças e fazem movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem.

Isso nos reafirma o que foi dito ao longo dessa pesquisa, no que diz respeito ao surdo ter sua própria cultura e modo de viver. Diante disso, analisamos mais um quadro de perguntas, onde os surdos entrevistados responderam de forma parecida quais foram os benefícios adquiridos pela Libras. Eles afirmam que a Língua de sinais os aproximou das famílias, amigos e comunidade.

Compreendemos então que o benefício maior da aquisição da Libras é a facilidade de comunicação com o meio. Rosa (2013, p.18) em sua pesquisa traz que:

A língua de sinais é uma ferramenta decisiva no processo de linguagem, na elaboração das formações discursivas dos surdos e na compreensão do seu discurso, no processo de formação da identidade e do pensamento.

É por meio da Libras que os surdos se relacionam com o mundo, aprendem com a interação com o outro e formam e reformam seu pensamento, assim como participam das práticas de letramento.

Quadro 5: Importância da Libras na vida pessoal e acadêmica dos entrevistados
Pergunta 5: Qual a importância da Libras na sua vida pessoal e acadêmica?
Entrevistado 1: Na vida acadêmica, a Libras me ajudou a ler os textos, aprender conteúdos e conviver melhor na escola. Na vida pessoal, foi muito importante, me ajudou no trabalho, a tirar documentos e a me comunicar com as pessoas.
Entrevistado 2: Foi muito importante pra mim. Tanto na vida pessoal quanto na vida acadêmica.
Entrevistado 3: Foi importante porque aprendi a me comunicar, conversar.

A Língua de sinais é primordial para o desenvolvimento global da pessoa surda, isso inclui sua vida pessoal e acadêmica. O entrevistado 1 nos afirma que a Libras lhe ajudou a se socializar na escola e no meio urbano, não muito diferente dos entrevistados 2 e 3 que também reafirmaram a importância da Libras para a comunicação.

No meio escolar:

Garantir o uso da língua de sinais no contexto escolar parece primordial para que haja reconhecimento da surdez, pois é por intermédio da linguagem que significamos o mundo e conseqüentemente nos significamos. (GESUELI, 2006, p.9)

Desse modo, a Libras auxilia o desenvolvimento do aluno surdo na escola, dando o suporte para aquisição do conhecimento necessário para sua formação.

Na vida pessoal o surdo possui uma identidade própria, que tem sua própria cultura, política e características, e é através da Libras que tudo isso é valorizado e marcado de forma histórica em suas vidas.

Constatamos então que a Libras foi fundamental para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos aqui entrevistados, pois, através da língua de sinais os alunos passaram a ter um melhor convívio com a sociedade e deram início ao seu processo de desenvolvimento escolar.

A Libras também foi primordial para o processo de alfabetização e letramento desses alunos, uma vez que permite que o surdo vá além do aprender a ler e escrever até se identificar no meio em que está e fazer o uso da língua.

7 CONCLUSÃO

A educação das pessoas surdas é um assunto muito pertinente, pois a vida dos surdos tem sido repleta de conflitos e controvérsias. Em contrapartida é uma história linda marcada por lutas e conquistas que motivaram a execução deste trabalho.

De acordo com as pesquisas aqui realizadas foi constatado que a Libras surgiu como peça facilitadora para o desenvolvimento do aluno surdo e por isso o contato com a Língua de sinais deve acontecer o mais cedo possível, para que se tenha um melhor aproveitamento no processo de alfabetização do mesmo. Foi por meio da aplicação de um questionário que compreendi questões pessoais e profissionais dos alunos surdos, onde os sujeitos da pesquisa deixaram claro que após conhecerem a Língua de Sinais as suas vidas tiveram uma mudança significativa. O diálogo com as outras pessoas tornou-se compreensível e o nível de aprendizado foi maior. Nessa direção, a partir dos aportes teóricos estudados, constatamos que a Libras é um fator relevante no processo do letramento do surdo.

Observando os alunos entrevistados, foi possível verificar o quão importante foi o aprendizado da Libras para a valorização de sua cultura e identidade e para ocupação do seu espaço, e que, apesar de todas as dificuldades, aprender a língua de sinais não é uma coisa difícil, tendo em vista que o surdo deve ter primeiramente contato com a Libras para depois ter acesso a sua L2 na modalidade escrita.

Nesse trabalho também ficou claro que o aprendizado do aluno surdo se dá de forma análoga ao aprendizado do aluno ouvinte, ou seja, ambos passam pelos mesmos processos de aquisição da linguagem, que vai do balbúcio à formação de frases e diálogos.

O aluno surdo, para ter um bom desenvolvimento, precisa ter acesso a Libras o quanto antes, pois assim o seu desempenho educacional será mais preciso e concreto. A Libras é bastante relevante no processo de alfabetização e letramento do surdo, pois é a partir do contato com a língua de sinais que o surdo passa a se aceitar e dominar suas peculiaridades.

Portanto, o propósito foi ampliar meus conhecimentos sobre este campo de atuação profissional que é onde pretendo consolidar minha carreira, e assim acreditar que este trabalho servirá como aporte para futuras pesquisas, não só minhas, como também de outros

companheiros de trabalho, proporcionando uma reflexão sobre as práticas docentes usadas no processo de alfabetização e letramento dos alunos surdos.

Por fim, foi muito satisfatório e apaixonante realizar essa pesquisa e esperamos ter contribuído para a educação dos surdos e interesse de outros pesquisadores. Acreditamos que a execução desse trabalho alcançou os objetivos, mesmo sendo um tema complexo e abrangente, que a cada nova leitura nos despertava mais interesse e curiosidade acerca desse novo mundo. Que esse estudo seja porta para muitas outras fontes de pesquisas e consolidações de trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Relatório do Grupo de Trabalho Designado por Portaria Ministerial para Elencar Subsídios à Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2014a.
- CAPOVILLA, F. C., & Raphael, W. D. (2008). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira** (3a ed., Vol. II: sinais de M a Z). São Paulo, SP: Edusp
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo 109 Brasileiro, 1996.
- DINIZ, M. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GESUELI, Zilda Maria. **Lingua(gem) e identidade: A surdez em questão**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan/abr, 2006.
- GROLLA, E. **Aquisição da Linguagem**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2009.
- LOUREIRO, Vera Regina. **A política de inclusão escolar no Brasil: pensando o caso dos surdos**. In. Revista Espaço. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JANDEZ./2006.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação – 2. Ed. Ver. Ampl. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.**

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

NANTES, Janete de melo. **A linguística e a língua brasileira de sinais**. São Paulo: Know How, 2010.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. FEA-USP. São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem 1996.

PEREIRA, R. C. **Surdez**: aquisição de linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PERLIN, G., & STROBEL, K. (2008). **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis, SC: UFSC.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REILY, L. **Escola Inclusiva**: linguagem e mediação. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história**: a indagação de Esmeralda – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010

ROSA, D. G. **Educação e surdez**: em defesa da língua de sinais para a inclusão social dos surdos. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2013.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1976. 168 p.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SANTANA, Ana Paula. et al. **O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, abr./jun. 2008.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em 3 Gêneros. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc. Campinas, vol.23, n.8, dez. 2002

SOLIGO, R. **Letramento e Alfabetização**. Este texto foi publicado na Coletânea de Textos do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA, SEF-MEC/2001.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008

ANEXO

UEPB

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades – Campus III
Licenciatura em Letras
Discente: Hortênsia Souza Cardoso

Questionário aplicado aos alunos surdos do Instituto Desembargador Severino Montenegro (Caic) em Alagoa Grande/Pb

Entrevistado: _____

01- Com quantos anos aprendeu Libras?

02 - Como e onde se deu o ensino e aprendizado da Libras?

03 – Você sentiu alguma dificuldade em aprender Língua de sinais? Quais?

04 – Cite os benefícios que você obteve a aprender Língua de sinais.

05 – Qual a importância da Libras na sua vida pessoal e acadêmica?